

Geração Digital – Transformação Pedagógica

Nathália Barcelos Cunha¹

Norival Carvalho Cunha²

Thais Naiane Barcelos Cunha³

Resumo:

Este artigo tem como finalidade demonstrar que o processo educacional necessita ampliar a visão e os procedimentos pedagógicos na utilização das (TD) tecnologias digitais. A TD precisa estar à disposição para a produção de conhecimento dos professores à medida que houver a necessidade de motivar e assegurar o aprendizado aos alunos. O professor tem se preparar e se adequar a esta nova tecnologia amplamente divulgada, a qual é o sistema mais utilizado na atualidade, deste novo século que está ainda iniciando-se, principalmente entre a geração jovem "Y". Por meio dela, torna-se possível alavancar uma nova realidade de comunicação na educação, no aprendizado individual e grupal. Atualmente, as pesquisas nas bibliotecas escolares e públicas praticamente deixaram de existir, o que prevalece, desse modo, são as buscas em páginas da internet, como o site - "Google", por meio do qual é possível um levantamento sobre determinado tema ou assunto, descobrir curiosidades e novos avanços, aprofundar os estudos, relacionar os principais autores envolvidos na temática, realizar citações e outros tipos de informações e pesquisas com economia de tempo e até de dinheiro. O ensino é uma ferramenta que produz a transformação do ser humano, dentro das diversas experiências vividas dentro e fora da sala de aula, que envolve o professor, o aluno, a gestão escolar, a família e a sociedade. Ademais, entradas das novas tecnologias em salas de aulas facilitam a criação de projetos pedagógicos, trocas individuais e grupais dos professores, redefinindo o relacionamento estabelecido entre professor-aluno. Os professores deixam de ser líderes oniscientes e os materiais pedagógicos evoluem de livros-textos para programas e projetos mais amplos. As informações tornam-se mais acessíveis, os usuários escolhem o que querem e todos se tornam criadores de conteúdos.

PALAVRAS-CHAVE: Gerações; Tecnologia Digital; Professores; Alunos.

This article aims to demonstrate that the educational process needs to expand the vision and teaching procedures in the use of (TD) digital technologies. The TD must be available for the production of knowledge of teachers as there is a need to motivate and ensure learning students. The teacher has to prepare and adapt to this new technology widely publicized, which is the most widely used system today, this new century that is still starting up, especially among the young generation "Y". Through it, it is possible to leverage a new reality of communication in education, individual and group learning. Currently, research in school and public libraries have virtually ceased to exist, the prevailing thus are searches on websites, such as site - "Google", by which a survey on a particular topic or subject you can , curiosities and discover new advances, further study, listing the main authors involved in the theme, make quotes and other information and research saving time and even money. Education is a tool that produces the transformation of the human being, within the various experiences inside and outside the classroom, involving the teacher, the student, the school management, the family and society. Additionally, entries of new technologies in classrooms facilitate the creation of educational projects, individual and group exchanges of teachers, redefining the relationship established between teacher and student. Teachers are no longer omniscient leaders and teaching materials evolve textbooks for larger programs and projects. The information becomes more accessible, users choose what they want and all become content creators.

KEYWORDS: Generations; Digital technology; teachers; Students.

¹ Graduada Engenharia Elétrica (UFU) - nathaliabcunha@gmail.com

² Mestrando em Educação na UNIUBE, MBA Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (UNITRI), Graduado em Administração, Professor Universitário na FUCAMP – professor_norival@yahoo.com.br.

³ MBA em Gestão Organizacional e Desenvolvimento de Talentos Humanos (PUC-MINAS), Graduada em Psicologia (UFU) – thais_naiane@yahoo.com.br

No contexto atual cada vez mais globalizado, antenado e plugado, utilizar novas tecnologias digitais de forma integrada ao projeto pedagógico é uma maneira de motivar a geração que está nos bancos escolares – Geração Y, “Geração Digital/Informática” (CARR,2011) – nascidos a partir do período de 1990, o início da era da informação. Por isso, o professor precisa compreender que a tecnologia não é um enfeite dentro da sala de aula, mas sim um sistema digital para despertar nos alunos a vontade do aprender, com vistas à formação dos conhecimentos disciplinares e empíricos.

A tecnologia digital precisa estar à disposição para a produção de conhecimento dos professores à medida que houver a necessidade dos alunos de aprender os conhecimentos curriculares, desse modo, é fato que a tecnologia está presente na sala de aula. Segundo Kenski (2013, p.36), estamos nos aproximando da “simulação tecnológica da consciência, onde o processo criativo do conhecimento seria estendido coletiva e corporativamente ao todo da sociedade humana”.

Este artigo busca descrever e analisar a Internet como sistema a ser usado no processo ensino aprendizagem, dentro da sala de aula, por meio da preparação e formação dos docentes e na motivação do aprendizado do aluno.

O professor tem responsabilidade de se preparar e se adequar a esta nova tecnologia: a Internet. Amplamente divulgada, é o sistema mais utilizado neste novo século que está ainda se iniciando, principalmente entre a geração jovem “Y”. Por meio dela, torna-se possível alavancar uma nova realidade de comunicação na educação e no aprendizado individual e grupal.

Segundo CARR (2003, p.28), “poderia ter previsto o festim que a internet coloca a nossa frente: um prato após o outro, cada um mais apetitoso que o anterior, praticamente sem tempo para respirar entre um bocadinho e o próximo”.

Mas o que se percebe é que, diante dessa realidade tecnológica, o processo ensino-aprendizagem está dissociado do dia-a-dia da necessidade escolar entre os professores e os alunos. A rotina diária dos estudantes quando não estão na escola inclui basicamente o uso de ferramentas que possibilitam uma conexão on-line, “surfando” na web e nas redes sociais.

Atualmente, as pesquisas nas bibliotecas escolares e públicas praticamente deixaram de existir, o que prevalece são as buscas em páginas da internet com o site de busca - “Google”, por meio do qual é possível um levantamento sobre determinado tema ou assunto, além de descobrir curiosidades e novos avanços, aprofundar os estudos, relacionar os principais autores envolvidos na temática, realizar citações e outros tipos de informações e pesquisas com economia de tempo e até de dinheiro. Daí faz-se coerente a seguinte afirmação: “A net tornou-se um meio polivalente, o condutor para a maior parte da informação que atravessa nossos olhos e ouvidos até a nossa mente.” (LEVY, 1999, p.64).

As práticas pedagógicas buscam, mais do que nunca, a transferência do foco educacional do docente para o aprendizado e dos conteúdos para o processo ensino pedagógico, enfatizando os significados e as formações dos estudantes, priorizando conhecimentos individuais, suas habilidades, suas atitudes e os valores.

Como meio de comunicação tem-se a Internet, um dispositivo para encontrar, organizar e compartilhar informações dentro das diversas áreas do ensino-aprendizagem, por meio das várias gerações: baby-boomers, x e “y – Geração Informática, geração digital”. Em relação à abordagem do espaço ensinar-aprender, há que se notar que:

...educar na Era da Informação ou da Sociedade do Conhecimento é necessário extrapolar as questões de didática, nos métodos de ensino, dos conteúdos curriculares, para poder encontrar caminhos mais adequados e congruentes com o momento histórico em que estamos vivendo hoje. (KENSKI.2013, p. 74).

A relevância do ensino está em dialogar essas gerações de maneira espontânea, com em outras relações e espaços sociais, mas de maneira pedagógica e institucional, pois o tempo escolar é um diálogo de gerações conforme análises dos autores: Arroyo (2000), Carr (2011) e Sidnei Oliveira (2010).

- Geração com o nome de Baby-boomers (explosão de bebês), nascido no período pós II guerra mundial, entre 1940 até a década de 60. São pessoas formais, que respeitam hierarquia, são respeitadores e rígidos no cumprimento de regras. São focados e preferem agir em consenso com os outros líderes, dentro das regras empresariais e governamentais.
- Geração “X”, nascidos a partir da década de 60 até década 80, trabalhando a multidisciplinaridade dos processos. Pessoas formais que são criativos e dinâmicos, buscam constantemente o aprendizado. Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, tentam equilibrar a vida pessoal e o trabalho, super protetores com a próxima geração, voltaram a estudar, para aprimorar seus conhecimentos.
- Geração “Y” – Informática, nascidos a partir do final da década de 80, com o mundo relativamente estável, eles cresceram em uma década de valorização intensa e com a entrada da internet, da computação e de educação mais sofisticada que as gerações anteriores. Ganham autoestima e não se sujeitam às atividades que não fazem sentido de longo prazo. Sabem trabalhar em rede e lidam com autoridades como se eles fossem mais um. Os meios digitais são objetos comuns para utilização diária.

Essa geração “Y” desenvolveu-se em uma época de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica. Os pais, não querendo repetir o abandono das gerações anteriores, encheram-nos de presentes, atenções e atividades, fomentando a autoestima de seus filhos, os quais cresceram vivendo em ação, estimulados por múltiplas atividades e são também antenados nos meios digitais.

Deixando de lado a complexa cultura que se desenhou com essa nova geração, tende a curricularizar, gradear, disciplinar e normatizar os saberes sociais, relações e o ciclo de desenvolvimento, para motivar o interesse da classe de jovens, passando a permitir alcançar mais facilmente uma série de objetivos sobre o conhecimento, sobre a capacidade de transmitir a realidade, a informação e as habilidades cognitivas.

A formação do professor deve ser competente a fim de compor as situações em que o aluno possa aprender e praticar, isso tem que ocorrer sob orientações desse profissional enquanto formador, mentor, companheiro, conselheiro e “Coach”⁴, proporcionando a iniciação e a ajuda para compreender a realidade que está à frente, sem perder o contexto aula *versus* aprendizagem.

Nesta realidade social, o ensinar e o aprender materializam-se por meio de programas, com práticas coletivas, com rigidez curricular e pedagogia institucionalizada, dentro das práticas acadêmicas. No ensino, a dimensão do saber e do ensinar tais dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais e profissionais do professor. “A Escola torna-se um espaço e um tempo onde este processo é vivenciado, onde o processo de ensino-aprendizagem envolve diretamente a interação entre sujeitos”.(VYGOSTKI, 1996, p.68)

É na conjuntura da tecnologia educacional, da internet e de outras ferramentas/sistema tecnológicas, que surge o produto de uma reflexão sobre a postura do docente diante da realidade atual, como introduzir os meios e equipamentos tecnológicos no ambiente escolar e, posteriormente, vincular as técnicas de ensino para solucionar o distanciamento entre educação e ferramentas tecnológicas.

⁴ Coach: Termo inglês que significa: Treinador, conselheiro. Trabalha as competências, as habilidades das pessoas.

A ideia de modernização nos meios educacionais tem que ser refletida na vivência regional de um país continental, pois estes meios tecnológicos são para “tecnologizar o mundo”.

A internet, do mesmo modo que o computador pessoal antes dela, demonstrou ser tão útil de tantos modos que demos as boas-vindas a toda a expansão do seu escopo. Raramente paramos para ponderar, e muito menos questionar, a revolução da comunicação que tem estado em andamento ao nosso redor, em nossas casas, no nosso trabalho, nas nossas escolas. Até a chegada da net, a história dos meios de comunicação havia sido fragmentada. (MORAN, 2000, p.27)

Um dos problemas da comunicação da net é fazer uma abordagem do ensino como ponto de vista normativo, pois os professores são cobrados pelo que deveriam ser, fazer e saber, mas não pelo que constroem dentro da sala de aula com os alunos. Os profissionais do ensino são evidentemente determinados em parte por todas essas realidades, mas são também, ao mesmo tempo, atores que possuem saberes e um saber-fazer do sujeito/aluno.

O ensino é uma ferramenta que produz a transformação do ser humano, dentro das diversas experiências vividas dentro e fora da sala de aula, nas quais envolve o professor, o aluno, a gestão escolar, a família e a sociedade. Daí a necessidade de se considerar que a mudança da forma ao meio é também uma transformação de conteúdo e de comportamento. Segundo Tardif (2002, p.12), “O conceito de professor como ator e profissional dotado de competências tem servido de base, aliás, às reformas efetuadas na formação para o magistério”.

Ao escolher a profissão de professor, define-se um modo de vida. No termo de profissionalização, indica o processo de mudança de um sujeito a uma profissão que se inicia com formação pessoal, para transformar as outras pessoas e suas vidas. Ser professor significa, antes de tudo, ser um sujeito capaz de utilizar seus conhecimentos, suas habilidades e suas experiências para desenvolver-se em contextos pedagógicos, práticos preexistentes. Isso eleva a visão do educador como criador e defensor de uma sociedade que revolucionará o saber de um país e de um povo.

O professor, como agente de transformação e formação das novas gerações, é essencial para o desenvolvimento da sociedade. Uma vez que a educação não serve apenas para ensinar, mas, sobretudo, para levar seus alunos ao reinado do saber, do aprendizado contínuo.

Em busca do entendimento de alguns conceitos importantes, a partir do termo educação, reconhecemos: Em várias esferas da sociedade surge a necessidade de disseminação e internalização de saberes e modos de ação: conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes, levando a práticas pedagógicas. (GUILLOT, 2008, p.67)

Uma grande tarefa como professor ou educador não é a de somente de instruir, mas a de educar o discente como pessoa humana, como pessoa que vai vivenciar os seus sentimentos, incertezas, certezas, inquietações e as transformações do educando. O docente não pode limitar-se a educar pelo conhecimento destituído da compreensão do homem real, de carne e osso, de corpo e alma. Educar pela vida como perspectiva de favorecer o ensino e a aprendizagem, para o desenvolvimento intelectual do cidadão.

Como é possível definir o trabalho de um professor? Quais são os conhecimentos, o saberes-fazer, as competências, as habilidades e os valores que este ser humano precisa para mobilizar e

motivar diariamente, nas salas de aulas, nas escolas e na sociedade? Com estas indagações é viável construir a imagem do profissional do ensino: o professor-mestre-educador.

No âmbito do trabalho pode-se descrever o valor do professor, do formador, que cria a inteligência formadora e os elementos formadores de uma palavra, pois ele pertence a um grupo social que busca constantemente a sua transformação e a formação de uma sociedade por meio do ensinar-aprender. Um processo de desenvolvimento individual destinado a adquirir ou aperfeiçoar as capacidades intelectuais.

Embora a formação do docente possua uma forma comum, existem variáveis de ciclos, níveis e graus de ensino; mesmo que todos trabalhem em uma mesma instituição de ensino estarão sujeitos a estrutura coletiva de seu trabalho cotidiano, a condicionamento e recursos comparáveis e compartilhados, dentre os quais estão os programas, conteúdos a serem ensinados, regras da instituição e leis gerais. Dessa maneira, tendem a ser diferentes dentro da sala de aula e suas práticas e experiências vividas durante sua vida de docência também se diferenciam.

Saber conduzir alguém para a outra margem do conhecimento não está ao alcance de todos. No ensino, as dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais e profissionais do professor.

Neste sentido, Tardif (2002) mostra que, do seu ponto de vista, as representações ou práticas de um professor específico, por mais originais que sejam, ganham sentido somente quando colocadas em destaque em relação a essa situação coletiva de trabalho.

Isso significa que, quanto ao ofício de ser professor, não existe conhecimento sem reconhecimento social, pois o professor trabalha com sujeitos e em função de um projeto cujo objetivo é transformar pessoas. Ensinar é agir, agir é aprender, aprender é ensinar.

Dentro da realidade social o ensinar e o aprender materializa por meio de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada. Pois o fio condutor é que o professor deve ser compreendido em íntima relação com o trabalho dele na escola e na sala de aula.

No caso dos professores, o significado de seu trabalho é formado pela finalidade da ação de ensinar, isto é, pelo seu objetivo e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente pelo professor, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno. (TARDIF, 2000, p.78).

O trabalho do professor é uma via de mão dupla: ele ensina e, para isso, deve aprender constantemente. Dessa forma, tem-se que o conhecimento do docente é evolutivo e progressivo, necessita, por conseguinte, de uma formação contínua e continuada; o docente deve autoformar-se e capacitar-se por meio de múltiplos meios. Nesse sentido, a formação ocupa, em princípio, uma boa parte da carreira e os conhecimentos profissionais partilham com os conhecimentos científicos e técnicos a propriedade de serem revisáveis, criticáveis e passíveis de aperfeiçoamento.

Em relação à identidade profissional do professor, os saberes são trabalhados, laborados, incorporados ao processo de educar do docente, que só tem sentido em relação às situações que são construídas, modeladas e utilizadas de maneira significativa pelos trabalhadores do ensino, o “Mestre”.

O trabalho não é primeiro um objeto que se olha, mas uma atividade que se faz e é realizando-a que os saberes são construídos; sendo transformadores e formadores, adequando-se ao pressuposto de que sua prática e seus saberes não são entidades separadas, mas coabitam na mesma esfera.

Em consonância, a análise histórica atravessa o processo de transformação, modernização e inovação do sistema educacional. O sistema educacional atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto, emprega-se a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos comprometidos com o resultado organizacional. “Indivíduos [...] competentes para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas”. HIRATA (1998, p.290)

Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se a uma profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na rotina diária do trabalho que se aprende a profissão. Todas as relações que envolvem o indivíduo-professor, classes-alunos, comunidade-família e a instituição são mais eficientes quando são estáveis. Sendo assim, a harmonia é incentivada desde que a estabilidade seja estabelecida, respeitada e se mantenha nestas relações: autoridade, mobilidade e responsabilidade.

Cada ciclo da sociedade tem sua responsabilidade e autoridade dentro contexto socioeconômico. Além disso, o ciclo do professor dentro na sala aula provém das suas responsabilidades na introdução do ensino e a aprendizagem, nas disciplinas curriculares, no conteúdo aplicado e do autogerenciamento das atividades pedagógicas.

Já à direção da escola, cabe o cumprimento das regras preestabelecidas, no disciplinamento administrativo e o comprometimento dos resultados. Por outro lado, os pais representam a autoridade para educar, disciplinar e fomentar as iniciativas de seus filhos no âmbito escolar, pessoal e profissional, sendo assim, o caráter da autoridade.

Para manter os papéis definidos e exequíveis dentro do contexto sócio educacional para produzir cidadãos com os objetivos precisos de harmonia, equilíbrio emocional e de mobilidade, o educador tem obrigações para que tal papel seja entendido e respeitado por todos dentro da cadeia social. Em relação aos objetivos gerais para a realidade social educacional, depreende-se que a transformação do trabalho do docente dentro da sala de aula é fundamental. Com a migração das famílias do interior para as grandes cidades, tais mudanças ocorreram para a transformação do ensino *versus* aprendizagem e seus conteúdos, preparando o discente para o mercado de trabalho. Neste contexto, a “[...] sociologia da educação tem como objetivo básico e prioritário a socialização dos alunos(as) na escola, além disso, é necessário prepará-los para sua incorporação no mundo do trabalho” (ANTUNES, 1999, p.74).

Neste sentido, o professor transforma-se em uma ilha de conhecimento direcionado, fazendo a transformação do aluno em um empregado ou empreendedor para o mercado globalizado. Desta forma, as funções acadêmicas do professor tornam-se precárias para funções administrativas e conteudistas, gerando, portanto, a responsabilidade da formação do discente, dentro das disciplinas e visando a empregabilidade.

O mercado evolui a cada instante, por isso as estratégias de hoje podem não ser válidas para o futuro, a partir disso, as tecnologias são aprimoradas a cada instante, com isto, o mercado convergiu a uma nova estratégia de ação em que um “clik” pode ser o sucesso ou o fracasso no aprimoramento do aprender. As tecnologias digitais estão ligadas aos novos conceitos de livre expressão, sem fronteiras, de ação rápida, dinâmica que se unem, ou melhor, não têm separação entre o professor e o aluno, pois as informações são universais e podem ser acessadas a qualquer momento em qualquer lugar, dentro ou fora da sala de aula.

Segundo TARDIF (2000, p.115) Estamos modificando a nossa forma de criar, comercializar e distribuir bens e serviços; trata-se da primeira transformação fundamental do modo de fazer da educação.

O objetivo para o desejo de demonstrar os reflexos desta proposta de mudança curricular é preparar em primeiro lugar os conteúdos disciplinares, de modo a serem flexíveis; modernização do ensino por meio de utilização de tecnologias digitais dentro da sala de aula. Em segundo lugar, cursos de preparação pedagógica vinculados às tecnologias para os professores dentro dos cursos de licenciatura. Em terceiro, deve-se ambientar as estruturas escolares em um contexto que aproxime os alunos da escola, sem deixar o mundo lá fora.

No processo de socialização na escola, tem-se a formação do cidadão para sua intervenção na vida pública profissional. A escola deve prepará-los para que se incorporem à vida adulta e pública, de modo que se possa manter a dinâmica e o equilíbrio nas instituições, bem como as normas de convivência que compõem o tecido social da comunidade humana.

A crescente influência das áreas de sociologia da educação e da psicologia social no terreno pedagógico provocou a ampliação do foco do processo que ocorre na escola, como consequência das práticas sociais, das relações sociais que se estabelecem e se desenvolvem no cenário empregatício contemporâneo.

As transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do mundo corporativo afetaram o sistema educacional e do ensino. A educação precisa capacitar-se para assumir o seu devido papel neste contexto da globalização que é agente de transformação, geradora de conhecimento e formadora de sujeitos.

Dalila Oliveira (2000, p.25) vem confirmando essa tendência de que [...] a educação passa por transformações profundas nos seus objetivos, nas suas funções e na sua organização, na tentativa de adequar-se às demandas a ela apresentadas.

Portanto, pode-se e deve-se analisar a formação do professor, como a de outros profissionais, mas é preciso também propor soluções alternativas concretas. De concreto, precisa-se formar e preparar os docentes para uma visão mais ampla deste novo sistema educacional, dentro das tecnologias digitais.

A tarefa mais difícil para um professor hoje em dia é tentar compreender a incompreensão de alguns de seus alunos, para isso, requer a transformação das práticas pedagógicas e sociais. É ingênuo pensar que as organizações políticas, sindicais e empresariais, estejam interessadas em fomentar práticas de conhecimento crítico e visão da construção de uma sociedade aberta e racional. Por isso, a educação deve ser o ponto de partida para a transformação.

A escola deve transformar-se numa comunidade de vida e, a educação deve ser concebida como uma contínua reconstrução da experiência. Comunidade de vida democrática e reconstrução da experiência baseada no diálogo, na comparação e no respeito real pelas diferenças individuais... (GUILLOT, 2008, p.77)

Dentro da mudança educacional, surge outro fenômeno: a crescente onda do desenvolvimento produtivo dentro dos currículos e da gestão escolar. Uma vez que o profissional da educação tem que ampliar os horizontes para compreensão real desta nova implementação da reforma educacional, com visível impacto no cotidiano do trabalho dentro da sala de aula e nos processos avaliativos. Com isto, gera-se um aumento no tempo de trabalho, nas ampliações das tarefas dentro e fora da sala de aula com impacto nos profissionais da educação, incluindo “[...]o trabalho do professor, que tem se modificado em termos do conteúdo e da autonomia profissional, em função da avaliação dos sistemas escolares e da política de responsabilização”. (TARDIF, 2000, p.87)

Neste novo sistema tecnológico, a natureza do trabalho passa a ser estreitamente controlada e os programas passam a ser definidos por objetivos estratégicos das organizações no mundo capitalista/globalizado. Para reforçar seu profissionalismo alguns estudos insistem sobre a necessidade

de desenvolver a formação e o desenvolvimento mercadológico do profissional do ensino dentro das diretrizes mercantilistas.

Ao definir o papel do professor-educador, pesará em sua personalidade dentro das regras burocratas a que estão sendo enquadrados. O que caracteriza o docente são as práticas investidas no ponto de vista teórico e metodológico, dando origem à construção de um conhecimento extremamente complexo na busca da profissionalização do seu trabalho.

Ao abrir para todas as classes sociais o acesso escolar, dentro do nível curricular, o sistema transporta a desigualdade social ao longo do processo educacional. A democratização do acesso a percursos escolares mais longos traduziu-se não apenas na desvalorização dos diplomas, mas na translação das desigualdades para níveis superiores do sistema escolar, em especial, ensino básico e ensino médio.

Hoje em dia, o professor tem que construir sua própria identidade para legitimar o seu ensino, motivando o seu aluno, controlando a dispersão, a desistência e assegurar a qualidade do trabalho do docente. Com o acesso das tecnologias da comunicação, o modelo de aula tem que estar relacionado aos componentes de valorização social, ético, afetivo e emocional, para que haja um certa “autoridade”.

Os padrões das novas gerações exigem do professor uma implicação pessoal e moral, para preparar a socialização do discente no âmbito social e familiar. Conforme a reflexão de Dalila Oliveira, “insiste na ideia de que quanto mais variadas são as funções a que o professor é chamado a responder, mais cresce o sentimento de desprofissionalização de perda de identidade, na constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante” (OLIVEIRA, 2000, p.64)

Não podemos pensar separadamente o trabalho do docente a do alunado. Não é produtivo questionar a formação e o exercício profissional dos professores sem se interrogar o que mudou como os alunos constroem a sua experiência escolar, qual a relação com o saber, qual o sentido atribuído às vivências escolares. O que indica que estamos diante de mudanças não apenas de metodologias operacionais, mas do deslocamento do eixo do poder, do *locus* de decisão.

Ao analisar que a sala de aula tem hoje um reflexo das mudanças atuais, é possível verificar a composição diferente que os TD – Tecnologias Digitais. Com isso, percebe-se que o processo de reestruturação produtiva ainda está em curso. Hoje, a educação tem o eixo da empregabilidade e os professores têm que trabalhar os conteúdos visando ao mercantilismo.

Nesta crítica funcional, caracteriza-se o que diz Antunes (1999) *processo de precarização estrutural do trabalho*. Trata-se de reconhecer a regência do procedimento fabril dentro da educação e suas disciplinas. O novo processo de trabalho deu origem à chamada “desespecialização multifuncional”, ao “trabalho multifuncional”, que, de fato, expressa a enorme intensificação dos ritmos, tempos, movimentos e processos laborais.

A complexidade do trabalho escolar reclama um aprofundamento da mundialização do trabalho, no contexto do novo padrão de acumulação de capital, compreendendo as razões históricas sobre a precarização do trabalho e suas repercussões no fazer docente.

Os autores que especializaram o termo precarização do trabalho fazem um tratamento em relação à transformação do ensino com as mudanças econômicas e sociais globalizado, entre elas, cita-se Antunes (1999), Alves (2000), Antunes e Alves (2004), Tumolo (2001), Vasapollo (2005), os quais indicam que o “trabalho precarizado”, assim ocorre que a dinâmica da precarização passa pela intensificação do ritmo do trabalho em paralelo ao achatamento e perdas salariais.

E na atualidade, as determinações objetivas e subjetivas do processo de trabalho capitalista são uma abordagem que faz sentido adiante da não verificação devidamente das práticas trabalhistas dentro da área escolar. Em contrapartida, a precarização do trabalho docente não reside apenas nos novos trabalhos e nas novas formas de contratação criadas pelo sistema globalizado, mas também, no

contrato de trabalho que são temporários, com cargas horárias elevadas, turmas grandes e cobranças por resultados (produtividade). (Antunes,1999)

O ser humano utiliza-se do domínio de seu raciocínio para apropriar-se e, assim, relacionar-se com a natureza, criando condições para o seu desenvolvimento.

Nas condições do trabalho escolar, os projetos ganham conotações diversas em tais arranjos que convivem, certamente, com preocupações como a melhoria da qualidade de ensino e com a superação do caráter fragmentado do currículo, buscando elementos para discutir as práticas curriculares no interior da escola e da sociedade.

Na atual organização em ciclos, com base na aprendizagem contínua, são nítidas as dificuldades para mudar o encadeamento dos procedimentos seriados. As reações às mudanças apontam para falta de sintonia com a prática, causando estranhamento e rejeição dos professores. Se o foco das intervenções é a aprendizagem, procura-se evitar a fragmentação nesse processo.

Considerações Finais

O trabalho com a TD constitui um meio de relevantes possibilidades pedagógicas, já que não se limita ao que constitui estritamente uma disciplina, permitindo a pluridisciplinaridade e uma educação global, estimulando a colocação em funcionamento dos processos de tratamento da informação nos conteúdos e programas utilizando a web.

As tecnologias podem trazer novos horizontes à escola, nos trabalhos de pesquisa serem compartilhados por professores e alunos, divulgados instantaneamente em mídias digitais para quem quiser acessar. Alunos e professores encontram inúmeros recursos que facilitam a tarefa de preparar e aprender nos conteúdos disciplinares e nos conhecimentos empíricos.

O professor pode estar mais próximo do aluno, podendo adaptar a sua aula para o ritmo de cada uma das turmas. O processo de ensino-aprendizagem pode ganhar assim um dinamismo, inovador e grande poder de comunicação que interage diretamente na formação do professor e do conhecimento do aluno.

Desse modo, os alunos possuem conhecimentos segundo os seus “estilos” individuais de aprendizagem, a qual se dá por meio da descoberta e o professor passa a ser um guia do aluno. O uso e a interação com a telemáticas permitem essa interatividade, desmassificação e o surgimento das salas de aulas virtuais, grupos de estudos e valorização da capacidade de pensar e expressar.

A entrada das novas tecnologias nas salas de aula facilita a criação de projetos pedagógicos, trocas individuais e grupais dos professores, redefinindo o relacionamento estabelecido entre professor-aluno. Os professores deixam de serem líderes oniscientes e os materiais pedagógicos evoluem para programas, aplicativos e projetos mais amplos. As informações se tornam mais acessíveis, os usuários escolhem o que querem, e todos se tornam criadores de conteúdos.

O uso da TD representa um processo de renovação do conhecimento e está sempre em construção, reconstrução e renegociação. Porém, depende dos atores envolvidos: professores, alunos e a sociedade, os quais, por sua vez, representam centro decisório em estado de constante interatividade e interconectividade.

A utilização das TD vem abrindo importantes fronteiras para a educação, cujas possibilidades e limites ainda não são plenamente conhecidos, mas influenciarão o trabalho nas escolas, possibilitando o aprendizado cooperativo: professor versus aluno, capacitando os indivíduos para um novo tipo de educação e na formação do profissional qualificado. Este artigo não se fecha em si, mas abre janelas para quebrar o paradigma das tecnologias digitais no meio acadêmico, não podemos ficar distantes e conformados, precisamos adaptar os nossos processos educacionais dentro de uma sistematização educacional.

Referências Bibliográficas:

- ANTUNES, R.. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**. Petropolis/RJ: Vozes. 2000.
- CARR, Nicolas G. **A Geração Superficial**: o que a *Internet* está fazendo com nossos cérebros. Tradução Mônica Gagliotti F. Friaça. – Rio de Janeiro: Agita, 2011.
- COSTA, Rogério de. **A cultura digital**. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- GUILLOT, G. **O resgate da autoridade em educação**. Trad. Patricia C. R. Reuillard. Porto Alegre. Artmed, 2008.
- HIRATA, H. Sumiko (org.) **O modelo japonês**: automatização, novas formas de organização e de relações de trabalho. São Paulo: USP, 1993.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas/SP. Papirus. 2013.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento da era da informática**. – Tradução: Carlos Ireneu da Costa. São Paulo. Editoria 34. 1993
- MORAN, J. Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. José Manuel, Marcos T.Massetto, Marilda A. Behrena. Campinas/SP. Papirus. 2000.
- OLIVEIRA, D.A. **Educação básica**: gestão do trabalho e da pobreza. Petropolis/RJ: Vozes, 2000.
- _____. **Gestão democrática da Educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y – o nascimento de uma nova versão de líderes**. São Paulo: Integrante, 2010.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes. 2002.
- _____. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**. Revista brasileira de Educação nº 13. 2000.